



A SONHOGRAFIA DE UMA ACEROLEIRA MATERNANTE EM FEMININOS E INFÂNCIAS

Dreamography of a mothering aceroleira in feminities and childhoods

Maria Eduarda Glória NEVES

Escola Normal Superior
Universidade do Estado do Amazonas
Manaus, Brasil

meduardaglorian@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0003-7687-9197> 

Monica Silva AIKAWA

Escola Normal Superior
Universidade do Estado do Amazonas
Manaus, Brasil

maikawa@uea.edu.br

<https://orcid.org/0000-0003-4695-9762> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

RESUMO

Maternidades, infâncias, vegetais, sonhos... O que pode uma docência aceroleira a partir desses encontros? Aqui, não se buscam respostas, mas perguntas acerca desse maternar impossível nas relações multiespécie entre existências. Disparadas pelo objetivo de sonhografar uma maternidade vegetal que acontece entre femininos e infâncias, mobilizamo-nos na Filosofia da Diferença, nas inspirações deleuze-guattarianas e corazzeanas, e no método da sonhografia. A sonhografia restaura a pulsão onírica de uma escrita que vive, sonha e deseja habitar em outra escrita. Instauram-se o devir-árvore, o devir-mulher e o devir-criança em meio a um maternar produzido nos encontros entre uma aceroleira, uma professora em formação e seu corpo-brincante em uma docência aceroleira maternante, em extravios e vias do (im)possível.

PALAVRAS-CHAVE: Maternidades impossíveis. Relação multiespécie. Método Sonhográfico. Filosofia da Diferença.

ABSTRACT

Motherhoods, childhoods, plants, dreams... What can a Barbados Cherry Tree-based teaching practice do with such elements? Our intention is not to provide answers, but rather to raise questions. We intend to explore a type of mothering that has no place in multi-species relationships. Driven by the desire to dream-write a vegetal motherhood that occurs between femininities and childhoods, we seek inspiration both in the Philosophy of Difference and in a mysterious type of dreamography to be found in thinkers like Deleuze, Guattari, and Corazza. This dreamography evokes an oneiric impulse of a living and dreaming writing style that is keen to absorb others. Thus, becoming-tree, becoming-woman, and becoming-child are established within such a mothering that is a product of a Barbados Cherry tree, of a teacher in training, and her playful body. This multifaceted process occurs as a result of a teaching practice lost in the paths of the (im)possible and the mothering Barbados Cherry trees.

KEYWORDS: Impossible Motherhoods. Multispecies relationship. Dreamography method. Philosophy of Difference.

UMA ACEROLEIRA...

Maternidades, infâncias, vegetais, sonhos... Casas, escolas, florestas, platôs... Habitações de um professorar, de um acerolar, de um maternar... O que pode uma docência aceroleira a partir de encontros com femininos, infâncias e maternidades? Resta em nós um pouco de maternidade vegetal? Seria possível um maternar próprio frente à idealização da mãe perfeita? Narro a sonhografia sob a perspectiva de uma aceroleira, que, ao ser disparada por floresteios, femininos e infâncias, se metamorfoseia em outras nesse devir-árvore... Nesse processo, implica-se um maternar perfeito, expresso em uma escrita de palavras elaborativas, de afetos e de pulsões por um modo de vida e cultura artistadoras (Reis; Corazza, 2021, p. 448). Ao mesmo tempo, isso me constitui, move meu olhar para mim mesma e impulsiona-me ao hibridismo e encontros com um maternar outro. Aqui, buscam-se respostas, devaneios, sonhos e outras perguntas acerca desse maternar intempestivo e desses impossíveis nas relações entre plantas, femininos e infâncias.

Disparado pelo objetivo de sonhografar uma maternidade vegetal entre femininos e infâncias, este artigo se mobiliza na Filosofia da Diferença, nas inspirações deleuze-guattarianas e corazzeanas e no método da sonhografia. Nossa sonhografia restaura uma pulsão onírica e uma escrita que vive, sonha e deseja habitar uma escrita outra. Instauram-se o devir-árvore, o devir-mulher e o devir-criança em meio a um maternar produzido nos encontros de uma aceroleira com femininos e infâncias... em uma docência aceroleira maternante ou em um maternar docente que extraviam as vias do possível.

EM MATERNAGENS...

Como se pensam as maternidades? O que uma aceroleira como eu teria a dizer? Nem se imagina, nem há registro desse fato. Sabe-se apenas que, para fazer uma muda ou um filho de acerola, a estaquia, a alporquia e o plantio de sementes são possibilidades. Meus filhos são feitos de minhas partes, sejam elas meus galhos ou sementes. Ora, até então, eu não havia pensado como mãe. Mas, afinal, que maternidade é essa que nem gesta e nem amamenta?

De certo, essa maternidade já está em divergência com aquelas maternidades em que a mãe se encontra sempre disponível para o filho, feliz com sua condição que acalenta, nina, higieniza e segue em seu amor incondicional. Essas são linhas de um

maternar perfeito frente a uma suposta condição suprema de mulher. Vejo-me espalhando meus filhos pelos canteiros, florestas e quintais. São tantos modos diversos e tantos dispersores de sementes que nem eu mesma tenho um papel essencial nesse maternar. Que maternidade não cuida diretamente de sua prole? Há quem diga que uma mãe assim nem pode ser considerada mãe já que sua preocupação é consigo mesma, sua saúde, sua copa e flores. Assim, entrei em sonho onde me encontrei com uma professora e lá vivi tantas coisas. Vou contar um pouco...

A PROFESSORA

Como disse, sonhei com uma professora que falava de sua formação docente e de todas as vivências de um movimento em vida que lhe exigiu um enamoramento com o sensível. É que, por certo tempo, essa professora se manteve petrificada, adormecida e presa em uma rotina que carecia de liberdade para o suspiro e para a criação. Sentir-me, afetar-me, desviar-me, tudo isso não me pertencia... Ela evitava remexer seu baú de memórias, por não querer sentir, olhar e encarar seu próprio caos. Mas foi necessário! Conheceu o cuidado de si. Nesse movimento de fuga, esbarrou-se com o professorar.

Professorar-se! – Gritava em seu coração. Permitiu-se uma vulnerabilidade que a atravessou e lhe permitiu (des)criar-se e recriar-se em mundos inventados. Foi possível, enfim, abrir-se a potências e experimentações corpóreas.

Através de suas afecções, essa professora narra por entre raízes-rizoma e rascunhos de uma vida acadêmica demarcada por linhas de uma formação inicial na Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas, nos estágios supervisionados, nos projetos de extensão, bem como nas vivências com o Grupo de Pesquisa Vidar em In-Tensões e nos projetos de Iniciação Científica com foco nas infâncias amazônidas e no professorar. Suas vivências ditas *não acadêmicas* também surgem e se apresentam como trocas alegres nos corredores e na praça da universidade: amizades, artistagens, cafés da tarde, risos, poemas...

Sinto que essa professora se encontra em um turbilhão de infinitas linhas de uma vida movente, atravessada, afligida e afetada, em um mundo de dobras e rupturas. São vias de compreensão, transformação e deslocamento deleuze-guattariano (Deleuze; Guattari, 1995). Mergulhada nas águas inexploradas da docência, ela contou da captura por afetos que não conseguia mensurar, que não possuíam cronologia nem surgiam de

onde bem se esperava. Eram encantamentos que foram surgindo em meio a diferentes experimentações, como poesia, e pintura, e diálogo, e risada... e... e... e...!

Essa professora foi se (des)criando, criando e recriando, movida por intensidades de um corpo-brincante outro, marcado por territórios existenciais que se florestam com raízes que se comunicam e atravessam o solo (Aikawa, 2025, p. 34). Era um corpo sem órgãos, um corpo-professora que dançou com as águas, bordou e se desbordou em inacabamentos. Houve um momento marcante quando sentiu outras mulheres em si. Vibrou com a força de todas elas em seu colo, sentiu suas preces por dias melhores, seus beijos na testa, canções, cheiros, sonhos e desejos que hoje tomam outras formas, sabores, cheiros, texturas, cores e amores.

Fora achada por cartas e poemas escritos por sua avó materna, uma artista subjetivada, ao longo do caminho, pelos papéis de mãe e doméstica acolhedoras, muito embora não ouvidas. Ao escrever sobre si, entregou suas declamações aos céus, gritou arte e súplica por ser ouvida. Cuidou de si pela escrita, uma escrita de si foucaultiana (Foucault, 2010). Ao revirar fotos em família, os escritos deixados por essa avó se apresentaram, e dentro nela algo se revirou. Evocou infâncias: a sua própria, as do movimento formativo em Pedagogia, as de sua avó e de sua mãe. Lendo as cartas, voltou ao tempo de brincadeiras e afetos de uma vida em conjunto.

Graças a esse episódio, sua avó foi reinscrita em seu presente, via palavras, inscrições, dores e amores de uma escrita viva que ela havia legado. Semelhante a ela, a professora agora se inscreve, se revisita e se expressa: palavras. Sentia que sua avó escrevia cartas para cuidar de si por meio da escrita. Assim, ela cuidava da professora-criança e da professora-de-hoje que se encontram com infâncias e escrevem sobre o si e que cuidam de si e do outro. Essas cartas foram e são, sem que ao menos essa professora pudesse perceber, uma experiência de escuta que cuida, de atravessamento de um silêncio, de um sentir de pausas de quem estende os braços a um abraço.

A Infância convidou a professora ao mesmo gesto. A escrita atravessou seu professorar em um olhar sensível, artístico, inventivo, afetuoso, singelo, doloroso e amoroso. As palavras percorrem outras. São palavras que cuidam do si, das infâncias, de um tempo *aion* e de um devir. São palavras que inauguram uma sonhografia por meio da invocação da vida e de uma escrita com força e ternura de avó (segundo alguns, mãe duas vezes). Assim, permitiu a si e mim a abertura a artistagem!

Essa professora se encontrou com a Amazônia. Mas que Amazônias a habitam? Vejo-me com ela em meio a esse questionamento, ao mesmo tempo em que nos vejo lançadas a sentires da superfície de nós para conosco, com o outro e com o território

que insiste em ser percebido. Esses sentires que ora nos impressionam estavam engavetados e ainda estão a emergir. O que nos leva agora a perguntar da Amazônia, em meio ao movimento formativo em Pedagogia, da professora e de mim: – O que é que eu escuto afinal com essa narrativa? – Cravado assim como uma espécie de um agulhão de inquietações, experimentou-se o cuidado de si (Foucault, 2010, p. 6). Convertemo-lo em olhar de si, vigilância de pensares, sentires e viveres que nos tomam assim de assalto, sem motivo aparente, seja ele racional ou lógico.

Sua avó, que escrevia sobre si em cartas, deixou fragmentos de sua existência em papel. Seus escritos agitam a escrita de si e resgatam uma herança a quem quisesse experimentar. Ela escrevia sobre si mesma e seus afetos. Escrevia sobre árvores, rios e infâncias. Escrevia sobre si e um professorar externalizado que permitiu dizer-se, expressar-se, viver consigo mesma e com os outros. Ora, escrever sobre si mesma e inscrever-se em si mesma mobiliza o cuidado de nós para nós conosco em vias de uma outra cultura. Desse processo, emergem perguntas: que potências podem ser criadas em um maternar inserido no movimento de um professorar em Pedagogia? O que pode um maternar de uma avó que escreve sobre si mesma em um movimento amazônida por entre rios, árvores e infâncias? Que outras Amazônias esse corpo pode encontrar nos territórios de si próprio?

Entre palavras, cartas, (des)bordados, pássaros, árvores e desvios, trago aqui tessituras, acontecimentos, encontros com essa professora que se materna em contato com sua avó. Trata-se da produção e da potência de uma aceroleira alegre, da Filosofia da Diferença e dos estudos foucaultianos (Foucault, 2010) e deleuze-guattarianos (Deleuze; Guattari, 1992) em linhas de fuga. São encontros com as artes e poemas de Manoel de Barros (1996, 2018), com as adjacências de um movimento em vida multiespécie biovegetal. Nessa narrativa de rascunhos sonhográficos que se movimentam na inconsistência de um sonho que se faz em borrões, movo a mim mesma entre os encantamentos que mobilizam meu maternar em estaquia, alporquia e plantio de sementes femininas. Narro essas percepções e afetações, enquanto desenho linhas em perceptos, afecções e incompletudes, permitindo-me trajetórias múltiplas e inesperadas.

Assim, sigo desenhando um maternar em meio a (des)alinhamentos de uma suposta verdade acerca da maternidade. Diz-se que o amor incondicional de mãe a prepara logo após o nascimento de seu bebê, que impõe à mulher uma realização de vida determinada de acordo com sua função social de gerar. Mas o encontro com a professora não ocorreu para me formatar ou para me dizer como maternar. Não havia

função. Não obstante, havia um agulhão na minha (des)formação arbórea quanto ao materno, que desadormeceu o que antes estava cristalizado e permitiu uma sensibilidade vegetal que se forma com os cotidianos. Nessa deturpação e nos borrões de um materno outro, eu pude me (des)constituir e me permitir a tal devir-mulher. Eu anseio pela desterritorialização das normas patriarcais de um feminino obrigado a materno e exalar partículas de microfeminilidades que se esvaem como pólen. Uma forma molecular e nômade de ser.

O caos e o intempestivo chegaram até mim sem aviso prévio, sem pedir licença. Essa tal professora e seus encontros com a infância e com a Filosofia da Diferença... Suas iniciações científicas me afetaram com um materno outro, desprendido e desocupado, tal como as infâncias plurais que vazam e suplicam pela potencialização do corpo-brincante e por suas vidas. São moléculas do devir-mulher, pois “todos os devires começam e passam pelo devir-mulher. É a chave para outros devires” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 61), que não aceitam os enquadramentos prescritivos do discurso, das competências, das habilidades e de um materno sempre feliz e disponível. Eles surgem justamente no micro, em uma carta de avó de professora ou em um sonho de aceroleira que materna em seu estado vegetal.

A INFÂNCIA

Em meio a essa e tantas outras inquietações instauradas em meio ao encontro biovegetal, há um devir árvore-mulher a partir do qual transvejo infâncias... Ao se encontrar com as escolas da infância, a professora se permitiu ser desorganizada pelo movimento criancieiro que acontecia naquele território. A convite das infâncias, entregou-se de corpo às experiências ali vividas, experiências essas que extrapolaram os limites de temporalização, de modo intensivo no tempo-espço. Tudo isso para além do horário, do recreio, do descanso e da refeição. Entrelaçou-se em uma pluralidade de atravessamentos e uma potência criancieira que criam poesia a partir da brincadeira, do despropósito e do absurdo.

Ouvem-se gritos que ecoam em uma existência aceroleira-feminina-criancieira. Ao ouvi-los, a professora pôde despertar seu corpo adormecido, esquecido e cristalizado para vislumbrar infâncias. Novos ramais acontecimentais em potência surgiram. A professora estava à procura de direcionamentos, pois já havia abandonado seu exercício de ser criança. Começou no lugar-comum, com *objetivos* a serem *atingidos* e verbos no

infinitivo que apontavam a direção a ser seguida. Mas as infâncias não querem direcionamento, muito menos as árvores; queremos esparramar, confluir, rizomatizar!

Por sua vez, a Infância gritava: – Corra! Invente! Brinque! Abra brechas nos currículos, querida professora! – A Infância mostrava a essa professora invenções e reinvenções inéditas advindas de uma desobediência e de um absurdo que beira a poética de si. Os verbos são lavados. Analisar se revela sentir; estruturar logo se torna (des)harmonizar; e avaliar dá espaço ao sonhografar. A professora pensa consigo: – Mas isso não é acadêmico. Esses verbos não estão na lista de objetivos de pesquisa. – Após o contato com a Infância, ela finalmente resolveu ousar! A criação de outros caminhos é possível apenas àqueles com ousadia para transgredir a concretude de barreiras preconizadas e se insurgir contra os assentamentos por meio do florestar. A professora agora pensa como Barros (2010): liberdade e poesia se aprendem com as crianças.

Linhas moleculares compõem a Infância e tocam a professora. São linhas que racharam os territórios mais endurecidos do ensinar e geraram mutações. Nesse encontro, a professora transmuta-se em devir crianceiro, cuja potência é diminuída por territórios como esses, endurecidos, mas cuja vivência permite fugas e desvios com a Infância. A Infância olha, sente, ouve e vive o devir-mulher com a professora, que, por sua vez, se enche de mistérios e potências múltiplas, escorrendo por entre as determinações do binarismo dominante. Professora-Infância e Infância-Professora acontecem em devir minoritário! A Infância escapa aos determinismos de um tempo biológico e permite um olhar experiencial com a vida, o intempestivo, o inesperado e o acontecimento! A mulher vence o binarismo e as hierarquias sociais. A infância produz outras memórias na professora, que se lembrou de si mesma e do seu devir. Em meio a incômodos, a professora pensa em um currículo da Diferença que:

Coloca força no poder de um currículo afetar e ser afetado pelos signos que dispara. Acredita na surpresa do encontro, porque entende que não se sabe de antemão que signo resultará de um determinado encontro. É o processo e não o fim que importa. É a ação de percorrer a pista do currículo que merece nossa atenção e cuidado. Até porque o que chamamos de final é sempre um fim para algo que continua de outra forma (Paraíso, 2023, p. 131).

No fim de um pensar, nasceu um novo começo, o começo de um currículo-corpo, que precisa *morrer pra germinar*, como diz Gil em *Drão* (1982). Da mesma forma, morre um professorar para que germine outro, forjado em desocupações, mobilizado pela Infância e amazônias. Assim, nasce um currículo-corpo. A experiência com o inesperado e os vazamentos com as infâncias nos despertam para uma educação conectada ao

lançamento de convites. Entre estranhamentos e desconfortos, a professora sequer sabia onde poderia pisar ou se apoiar. Alguns questionamentos a permeavam: sem esse currículo prescrito, o que se faz? Aonde se vai? O diferente causava nela desconfiança e até medo. Era um espaço-tempo não delimitado nem premeditado. Aquele vazio foi aos poucos colorindo, germinando em suas confluências infantis. Eram acontecimentos inesperados que nasciam, e morriam, e renasciam de formas variadas no pulsar do cotidiano.

Um ser-sentir-viver a educação com a Infância em uma posição investigativa e fluida acontece desconfiado de certezas e tentativas de contenção. São outras formas de vida, que escapam à normatividade. Esse professorar-infante se experimenta em borbulhamentos, atento à infância imanente e despreocupado com a exterioridade e as subjetivações acerca do que *devem ou não fazer* a infância ou o professorar em formação. Será que se produz também uma maternidade? Para seres arbóreos, a composição é outra. Ocorre de modos outros, pois nossas raízes nos lembram de onde viemos, de uma ancestralidade presente. Para alguns, isso representa estaticidade. (Não negamos que possa sê-lo). Entretanto, isso não nos impede de produzir encontros com o externo e o interno, tampouco nos vincula à utilidade do comércio. Isso se transveste em criação e se envereda para criações de vida mais biovegetais, sem qualquer compromisso com o capital. São outras produções de si, que possibilitam relações multiespécies maternantes. Meus frutos caem de mim para se fazerem infinitos em bocas, tintas e lama... Um devir-maternar...

São caminhos inesperados em locais que outrora ocuparam demasiadas certezas e que se permitem experimentar composições de um professorar novo. Esse professorar se encontra em acerolamentos à deriva de devires, escapa ao controle, metamorfoseia-se e reaparece inesperadamente em rota de fuga deleuze-guattariana (Deleuze; Guattari, 1992). Experimenta-se, assim, uma infância em devir. Com a professora e a Infância, deixei-me, então, navegar por trajetos rizomáticos, por incertezas e desconfianças de uma docência que busca desenquadramentos. Rizomatizada com esse encontro com a Filosofia da Diferença, a Infância e a Professora levam-me a encantamentos com o poema:

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá, mas não pode medir seus encantos. A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem nos encantos de um sabiá. Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare. Os sabiás divinam (Barros, 1996, p. 53).

Rascunham-se essas experimentações, sentires e processos em desorganização. Destituem-se as métricas que buscam quantificar encantamentos e os cálculos que tentam medir as forças dos (en)cantos. Experimenta-se o *divinare* em caminhos, confluências, raízes, desvios, plantios e linhas de fuga que me libertam do afugentamento de sentir e viver, criando outros maternares em encantos, encontros e relações entre espécies.

O SI DA ACEROLEIRA MATERNANTE

Tivemos nosso encontro: eu, a aceroleira, a professora e a Infância. Ali, sentimos barreiras antigas de uma formação retorcidas e ainda se fertilizavam territórios em floresteiros brincantes afetados por encontros com sabores azedos e a quentura dos dias ensolarados... Ao me debruçar sobre a escrita, questiono-me por onde devo começar. Pelo meio? Pelo fim? Pelo começo? Posso começar pelo descomeço, apresentado a mim pela Infância. Narrarei o si dessa aceroleira maternante. Crianças correm até mim para se abrigar em minha sombra em dias ensolarados, onde o tempo passa desacelerado e os sonhos encantados demoram a perpassar nossos sentidos. Lancei-me à escuta dos sussurros mais altos que já ouvi.

Minha sonhografia se dá pelas raízes, onde suas expansões dão de encontro com um professorar em formação em infância(s). De repente, resolvi que por ali gostaria de brincar e rodopiar, pintando fora da curva, traçando linhas imaginárias, inventando cores e sabores. Nesse encontro, nesse encanto, inventei-me em um corpo aceroleiro maternante, e, graças ao simples e sutil atravessamento dos corpos, nenhum de nós voltou a ser o mesmo. Quais encantos podem existir? Quais maternidades impossíveis podem ser criadas? Como elas podem acontecer? É possível quantificá-las, medi-las ou qualificá-las? Pode uma aceroleira maternar?

Trabalho, em tempo integral, em uma escola infantil de Manaus (AM). Ao adentrar seus portões, logo é possível me ver. Posso ser grande ou pequena a depender da perspectiva. Há quem diga – Manoel de Barros concordaria – que a grandeza das coisas se mede pelo encantamento que nos causam. Talvez seja esse meu caso. Minha grandeza depende de quem me vê. Certo dia, durante uma tarde quente, encontrei uma professora que me lançou um olhar de ineditismo que há muito eu não vira. Apresentei-me a ela, que logo me confidenciou minhas habitações em sua existência. É que eu despertei nela lembranças dos momentos em que *eu* fui palco de suas

brincadeiras e alegrias infantis. Ela me encontrava em qualquer lugar e não resistia à tentação de correr até mim para catar em minhas mãos o máximo possível de acerolas.

Minhas raízes têm memórias das mais alegres naquela criança, agora em corpo adulto. Naquela época, eu habitava outro lugar e outro tempo, mas já me inventava com as infâncias. Eu a fazia experimentar um ser-árvore com maestria, sem me importar com as tentativas de podas das minhas folhas que voavam livres ao vento. O tempo passa, e algumas coisas mudam. Algumas podas me feriam no decorrer do caminho a ponto de não me deixarem experimentar novos voos. Distanciamo-nos. Aquela habitação em simbiose criança-aceroleira havia estagnado e era agora apenas uma memória de infância. Ela me disse que, depois de crescida, eu precisava apenas saber, aprender, interpretar algo de uma exterioridade que não lhe cabia, mesmo sem querer. Queria ser mais, queria borrar em acerolas, queria se desorganizar... Recebeu algumas punições por esses atos de desordem até que *aprendesse* a se enquadrar.

Muito tempo se passou, e naquele momento nos reencontramos. Era nosso primeiro encontro após longas vivências, e algo estava diferente. Eu não era mais a mesma, muito menos a Infância, pois havia se tornado professora. Quando me viu, seu corpo, já tão bem disciplinado a ponto de se controlar perfeitamente ante os desejos, se enrijeceu. Talvez por medo. Pensou: – Não quero me sujar com ela, com sua terra. Não quero me sujar com seus encantos. Meus tons sóbrios já não me permitem tal coisa. Estou aqui a trabalho e não posso transparecer a *infantilidade* de um ser-criança. Quando se conteve em si, uma *alegria* entristecida tomou conta de mim. Era um sentir dicotômico que sentia *alegria* em não transparecer *infantilidade* e *tristeza* por não se permitir os desejos desse corpo-brincante que também é aceroleiro.

Passam-se alguns dias. Em uma tarde ensolarada, durante a merenda das crianças do turno integral, estava eu no mesmo lugar de sempre, estática com minhas raízes fincadas ao chão, mas enamorada dos raios solares, das formigas que passeavam aos meus pés e do fungo recém-nascido em um dos meus galhos, produzindo acerolas que logo haveriam de me deixar. Eu vivia um devir-árvore! Aos poucos aquele jardim foi se povoando de infâncias que vinham até mim com o (des)objetivo de coexistir comigo. A professora, tendo visto essa cena, veio participar da brincadeira. Germinava ali, no meio daquelas existências, uma alegria aceroleira. O jardim estava repleto de brinquedos de plásticos, estáticos e de cores saturadas. Mas eles pouco importavam àquela altura. Neste encontro, senti um currículo diferente se fazendo árvore, coexistindo com a Amazônia e se refazendo a partir desse encontro biovegetal (Aikawa, 2024). Essa vivência não estava descrita em documentos nem os desdobramentos ali

feitos eram quantificáveis; pelo contrário, era uma vivência em desorganização, desordem, em tumulto!

Transgressões ali foram feitas. Aquele momento, para mim, para as infâncias e para a professora, era repleto de alegrias de uma vida arbórea, repleta de olhares adultos provenientes de outros professores ali presentes representando perigo e buscando diferentes formas de contenção. *Não subam! Desçam daí! Não mexam nas acerolas! Não se sujem!* Havia um pensamento dominante entre os adultos. Uma tentativa de contenção de corpos disfarçada de *cuidado*. O evitar de acidentes, quedas e sujos era a premissa do *cuidado com as crianças*. Em meio a tudo isso, eu me perguntava como me sujar *com* a natureza e de onde viria essa forma de habitar com a Amazônia.

Nesse instante, fui capturada por uma criança que, com suas mãos repletas de acerolas, sussurrava sobre levar as mais vermelhas para levar para sua família e pedia para que a professora escolhesse algumas daquelas que ela segurava. Ali, ela fez um convite para borrar-se de acerolas. Enquanto um professorar preza pelo formato de cidadão disciplinado que exerce seus direitos e deveres, cuidando, corrigindo e moldando as crianças, um outro professorar emerge com o convite e aceita se sujar do azedo-acerola, de natureza e de Amazônia. Diretrizes e prescrições de agenciamentos com o foco no capital nos dominam a ponto de ignorarmos nossa própria existência, nosso território, nossos desejos de um criança amazônida. Este é um criança que canta com os pássaros, dança com a chuva e se lambuza com laranja-acerola. As crianças, quando se permitem a ousadia em coexistir comigo, uma aceroleira, podem causar efeitos colaterais sem medo (Schener, 2015, p. 147). Dessa forma, elas perturbam as bases curriculares já assentadas, deixam-se mover pelas fricções dos afetos e se potencializam através de vida amazônida.

Uma infância amazônida outra foi sendo inventada. Uma infância do tempo *aion* que pouco se importa com idade, cronologia, tempo e horário demarcados pelo capital. Pelo contrário, busca escapes da produtividade, pois não está sendo desenvolvida, mas está, antes, sendo habitada por um corpo-brincante que vai acontecendo no presente, no intempestivo, na plenitude e na variação. O que é humano? O que é floresta? O que é adulto? O que é criança? O que é Amazônia? O que é árvore e o que é gente? Não há separação, pois é pele, suco, casco, folha, azedo... A vivência com as infâncias permitiu que se entregasse ao criangamento um ser-sentir-viver próprio. O currículo se traça enquanto subimos na aceroleira desprendida de certezas e concepções unificadoras de

contenção das alteridades. Tumultua-se, com isso, um currículo repleto de laranja-acerola em criações nômade:

Se os nômades nos interessaram tanto, é porque são um devir, e não fazem parte da história; estão excluídos dela, mas se metamorfoseiam para reaparecer em outro modo, sob formas inesperadas nas linhas de fuga de um campo social (Deleuze; Guattari, 1992).

Nomadismos, binarismos e certezas começam a ser borradas de alaranjado. Barreiras objetivistas, essencialistas e deterministas cedem espaço ao imprevisível, ao impossível e ao vazio. Esvazio-me, portanto, ao enxergar as infâncias como um campo de imanência, um corpo sem órgãos, onde o ser se faz a imersão e o encontro. Estar imersa em um cotidiano infante é dar espaço ao visceral. A professora, mobilizada por esses afetos, senta sobre minhas raízes e compartilha alguns de seus pensamentos. Engana-se quem pensa que só de pensar somos constituídos. Talvez a *magnitude humana* que muitos buscam venha, na verdade, do não-humano: – Nisso, as infâncias possuem predominância – sussurra a professora. Barros (2018), ao abrir a cabeça de seu amigo Cipriano, descobre que ali só havia árvore, árvore e árvore... Nenhuma ideia sequer em um ser com predominâncias vegetais.

As inquietações da professora me causam entusiasmo. Noto um maternar aceroleiro que brota aos poucos e emerge nesses encontros biovegetais. Materno-a ou materno-me? Materno em? Materno com? Materno nessas sementes e nesses galhos plantados em nossos encontros de rebeldia. Meus filhos correm para longe de mim semeando por onde passam novas árvores, de acerola, cupuaçu e taperebá... Trata-se de uma maternidade de predominâncias vegetais que estranha e se entranha em modos de viver mais aproximados de uma Amazônia que pulsa por habitações simbióticas árvore-humano.

ENTRE PLANTIOS ACEROLEIROS

Em um movimento de escape da maternidade, a professora logo andarilha por novos caminhos para longe de sua mãe no desejo de semear outros pés-de-acerola por terrenos de travessia por onde passava. Encontrou-se com a Infância novamente. Agora estando esta própria um pouco maior, entranhou-se em seus cotidianos, turistou por seus modos de ver e viver e se permitiu o deslocamento de olhares, sentires e viveres. Estava *quando* infante. O exercício é *transver*, dar força à imaginação e sacudir os assentamentos que (des)norteiam aquele professorar que agora também é aceroleiro;

é (des)pensar o já pensado e voar por lugares nunca visitados; é retornar a mim, aceroleira, mas, em movimento de dupla captura, lançar novas sementes que brotam em devires. Um devir-criança.

Assim, a professora, entre uma aula e outra na escola com essas crianças, um pouco maiores, percebe a significância do momento sutil. No intervalo, crianças correm de um lado a outro, gritando, pulando, rindo. Às vezes sozinhas, às vezes com alguns amigos... O que importa é a reconexão com os corpos que passaram horas adormecidos, sentados, contidos e calados em sala. Ao olhar esses movimentos do corpo com atenção, aquela professora sente novas linhas atravessando-a. É que uma das crianças esbarrou nela em meio à sua corrida: – Desejo semear uma aceroleira no meio daquela escola! – pensou a professora. Ao fazer um convite-aceroleiro para as crianças, surgiram borbulhamentos entre elas. Ali, foram trocadas vivências encantadas concebidas debaixo de uma árvore. As crianças falaram das acerolas e de tantas outras frutas, dos seus galhos e de memórias criadas naquelas árvores. O sentimento de inaugurar uma árvore com as crianças se esvai quando se percebe que elas possuem ainda mais predominância vegetal de tantos outros modos. Elas experimentaram, assim, o ser-árvore e o ser-aceroleira ali mesmo.

No jardim da escola, coletaram folhas, pedras e galhos. Era quase uma troca. Enquanto plantamos algumas das nossas palavras-semente naquele solo, coletamos também histórias-árvores já semeadas. Sonharam junto daquelas histórias-árvore e inventaram um outro pé-de-acerola, criado com as infâncias em movimento de experimentação de si e em lugar próprio para o saber. Não queriam saber, queriam apenas os sabores de uma vida experimentada, vivida, não de uma vida aprendida, apreendida. Era a vontade de potência que ali transitava, semeando o desejo-vegetal de uma vida bela em criações. Um corpo sem órgãos já é próprio das crianças, e nisso elas têm profundidade.

EM UM MATERNAR ACEROLEIRO

Mergulhei em olhares lançados a mim pelas infâncias. Naveguei por seus risos, brincadeiras e gritos. Lá, encontrei potências de um maternal gerador de brotos, multiplicidades e subjetividades. Experimento infâncias incabíveis nos enquadramentos estabelecidos. Em maternagens-aceroleiras, fico à espreita de um criangamento que, a cada olhar, mostrava-me pistas do que seus corpos pediam e podiam. O maternal aceroleiro é também da natureza do (des)enraizar o supostamente útil, necessário, para

a criança e o que se espera de docências no cuidar e educar. É preciso (des)entranhar olhares que buscam por aquilo que ainda não foi alcançado e que buscam traçar as ditas aprendizagens necessárias. Maternar não é apenas ensinar, é sobretudo sentir, estar, inaugurar estados de espanto, sustos e invenções e...e... e...

Eu queria coexistir com elas, mas não sabia ao certo por onde começar. Uma ruptura já havia ocorrido, uma experimentação. Pude sentir formas de vidas infantes pulsando correndo entre minhas veias, bagunçando e desmontando expectativas idealizadoras sobre crianças. Um verdadeiro vendaval acontecia em mim. Fui diluindo-me aos poucos, abandonando ideias e certezas. Percebi uma maternidade em desocupações, que se desapega do cuidado, do gestar, da criação e que evoca um corpo sem órgãos, fluido em intensidades. Esse corpo de maternagens aceroleiras oferece o tronco enquanto salto e queda, como o devir de um plano de imanência. Maternidade impossível. Aqui então eu permito que meus filhos caiam de mim e se refaçam em outros territórios. Independente da distância, eu os acompanho como uma professora-aceroleira ou um pé-de-acerola crianceiro... A maternagem aqui está em pleno curso. Ao sonhografar-se, minha maternagem não pode ser considerada fixa ou estética, nem pode ser vista propriamente como *mãe*, já que meus filhos-brotos também são devires, que podem ou não vir a ser, mas que podem – isso com toda certeza – acontecer.

Sinto essa maternagem, em um primeiro momento, com inquietações. No solo, sinto invasões de concreto e me vejo rodeada de ruas com carros, trânsito e pessoas apressadas. Crianças me olham com encantamento, contudo, logo são puxadas pelos adultos para manter o foco na chegada, desprezando o trilhar de um ponto e outro.

Trilhar é deslocar o corpo de um lugar-partida e o peregrinar em um caminho desconhecido em busca de um outro lugar-chegada provisório, pois quem trilha está em constante movimento descontínuo com travessias novas de um corpo-mmente (Oliveira; Costa; Aikawa, 2023, p. 4).

O tempo *chronos* tenta me medir a maturação dos meus frutos, quantificar e qualificar as infâncias (como se houvesse tempo para ser infante!). Sinto essa imposição chegando a mim, esterilizando-me em um ritmo que ignora minha força vegetal. De minha copa, vejo-me esquecida em meio à correria da vida que preza pelo capital e nos força o esquecimento do próprio território. Na escola, isso se evidencia quando a mercadoria dos livros didáticos se dá em detrimento da sabedoria das árvores. É um currículo que ignora o cheiro e umidade da nossa terra, busca conter a coexistência da floresta conosco e higieniza suas ideias para distanciar nossa coexistência arbórea. Mas a natureza não é civilizada nem precisa ser contida!

Acerolo-me por fora das minhas raízes e (re)existo às tentativas de contenção por parte do capital. Sonho! Sonhografo! Sonhografo-me! Minha base pode parecer estática, mas minhas raízes me fazem imensa para ter contato com uma forma indomável que se refaz a cada potência de encontro, que muda a cada segundo e que nunca é a mesma. Não produzo lucros, mas crio acontecimentos com o imprevisível, com o impensável e com o despropósito. Recrio-me em duplas-capturas com infâncias e femininos. Transbordo-me em uma vida que não cabe em agenciamentos de uma segmentaridade dura. Por coexistirem comigo, agenciamentos maquínicos se fabricam e daí nascem outros corpos, conceitos dicotômicos que se desfazem. Somos um fluxo arbóreo e humano, que nasce das intensidades de uma vida que não aceita a domesticação. Produzimo-nos em conexões heterogêneas: gente-floresta, floresta-gente; em modos de vida biovegetais e desejantes de existência.

Essas infâncias se movem em predominância da potência vegetal. O balançar em meus galhos cria para esse novo corpo um tempo outro, em que errar é substituído pela alegria do encontro, rompendo prescrições curriculares sob o peso dos pés das infâncias que buscam o fruto mais alto da árvore. As infâncias nesse sonhografar aceroleiro são o ponto de partida. Enquanto eu vivia entranhada em meus cotidianos, olhando de perto formas de ser-sentir-viver nas escolas, essas infâncias me despertaram o olhar do intempestivo, forçaram-me a enxergar e bagunçar as estratificações entranhadas na minha existência, justo aquelas que não queria encarar. Experimento as infâncias como um corpo sem órgãos. Sinto-as em minhas experimentações infantis como um corpo vivo, tão vivo e fervilhante que expulsou o organismo e sua organização (Deleuze, Guattari, 1995). É um corpo-brincante que trilha em desvios que afrontam e afastam pensamentos normativos heterogêneos que insistem em permear nas práticas educativas (Aikawa, 2025).

Uma Amazônia outra vai se formando: já não se estuda sobre ela, vive-se nela e se é habitado por ela. Somos uma floresta em variação e com relação simbiótica. Rizomatizamos as linhas duras com nossa desobediência. Minha maternagem assim se faz: eu não seguro, eu nutro e ofereço meu corpo como território para experimentação. Meus filhos já nascem desapegados: andarilham, criam asas, voam ao longe para criarem-se outros com tantos devires. É uma maternagem tornada infinita, multiplicando-se em manchas e sementes que criam linhas flexíveis e fugazes que seguem por lugares que mal posso percorrer com eles. Esse maternar desejante me convida a alçar voos singulares e divinar com sabiás, beija-flores, abelhas, florestas e femininos. É um maternar que me desorganiza da prisão imposta pelo estrato do

organismo opondo-se às formas de poder sobre a vida (Deleuze; Guattari, 1996; Abramowicz; Levcovitz; Rodrigues, 2009).

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; LEVCOVITZ, Diana; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. Infâncias em Educação Infantil. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 179-97, set./dez. 2009.

AIKAWA, Monica Silva. Brotos biovegetais de um corpo na Educação Infantil. In: **REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL DA ANPED NORTE**, 5., 2024, Boa Vista. Anais [...]. Boa Vista, 2024.

AIKAWA, Monica Silva. **Cartografia florestal do corpo-brincante em escolas de primeira infância na Amazônia**. 2025. 120 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2025.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 2. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GIL, Gilberto. **Drão**. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil Ltda, 1982.

OLIVEIRA, Caroline Barroncas; COSTA, Monica de Oliveira; AIKAWA, Monica Silva. Retrato da autobiografia enquanto coisa. **ClimaCom – Ciência. Vida. Educação**, Campinas, ano 10, n. 24, mai. 2023.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Currículos: teorias e políticas**. São Paulo: Contexto, 2023.

REIS, Marina dos; CORAZZA, Sandra Mara. Sonhografias em educação. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 66, p. 446-58, 2021. DOI: 10.12957/teias.2021.43846.

NOTAS

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pela concessão da bolsa de mestrado e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro por meio da concessão da bolsa de pesquisa de pós-doutorado no exterior. Estendemos nossos agradecimentos à Universidade do Estado do Amazonas (UEA), ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC) e ao Grupo de Estudo e Pesquisa Vidar In-Tensões (UEA/CNPq) pelo suporte institucional para o desenvolvimento desta pesquisa.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: M. E. G. Neves, M. S. Aikawa

Coleta de dados: M. E. G. Neves, M. S. Aikawa

Análise de dados: M. E. G. Neves, M. S. Aikawa

Discussão dos resultados: M. E. G. Neves, M. S. Aikawa

Revisão e aprovação: M. E. G. Neves, M. S. Aikawa

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Márcia Buss-Simão

HISTÓRICO

Recebido em: 31-03-2026 – Aprovado em: 05-07-2026 – Publicado em: 13-10-2026